



A radioeducação no Brasil e o culto ao pacifismo (1919-1939)

*The educational use of radio for the improvement of
understanding among nations (1919-1939)*

La radioeducación en Brasil y el culto al pacifismo (1919-1939)

PATRÍCIA COELHO¹

Resumo

O tema deste artigo são as ações empreendidas pelos pioneiros da radioeducação brasileira em prol do pacifismo no período entre guerras. A partir de 1930, a União Internacional de Radiodifusão, associação que congregava emissoras de vários países da Europa e da América com sede em Genebra, promoveu vários inquéritos internacionais sobre as atividades realizadas pelas emissoras com o objetivo de propagar um espírito de concórdia entre as nações. A proposta deste estudo é analisar as estratégias empregadas pelos radioeducadores brasileiros para estimular a aproximação dos povos. O foco deste recai sobre o programa denominado Tapete Mágico da Tia Lúcia elaborado por Ilka Labarthe, a partir das diretrizes internacionais sobre o culto ao pacifismo, e irradiado a partir de 1934, pela Rádio Escola Municipal até o final dos anos 1940, por diferentes emissoras.

Palavras-chave: radioeducação; pacifismo; União Internacional de Radiodifusão União Internacional de Radiodifusão

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: pcoelho@puc-rio.br

Abstract

This manuscript focuses on the actions taken by pioneers of Brazilian radio education for the sake of peace within the period between the two World Wars. Since 1930, the International Radiobroadcasting Union, an association with seat in Geneva that gathered radio stations from several European and American countries, carried out many inquiries worldwide on the activities developed by the stations, in an attempt to disseminate harmonious thoughts and feelings among nations. The purpose of this study consists in the analysis of strategies used by Brazilian radio educators to improve a closer relationship between people from different countries. This work shall particularly examine the show called “Tapete Mágico da Tia Lúcia”, which was conceived by Ilka Labarthe in the light of international guidelines on the cult of pacifism, and irradiated by Rádio Escola Municipal since 1934, as well as by different stations up to the end of the 1940s.

Keywords: *radio education; peace; International Radiobroadcasting Union*

Resumen

El tema de este artículo son las acciones emprendidas por los pioneros de la radioeducación brasileña en favor del pacifismo en el período entre guerras. A partir de 1930, la Unión Internacional de Radiodifusión, asociación que congregaba emisoras de varios países de Europa y América con sede en Ginebra, promovió varias encuestas internacionales sobre las actividades realizadas por las emisoras con el objetivo de propagar un espíritu de concordia entre las naciones. La propuesta de este estudio es analizar las estrategias empleadas por los radioeducadores brasileños para estimular la aproximación de los pueblos. El foco de este recae sobre el programa denominado Tapete Mágico de Tia Lucía elaborado por Ilka Labarthe, a partir de las directrices internacionales sobre el culto al pacifismo, e irradiado a partir de 1934, por la Radio Escola Municipal hasta finales de los años 1940, por diferentes emisoras.

Palavras-clave: *radioeducación; paz; Unión Internacional de Radiodifusión.*

Recebido em: maio de 2016

Aprovado para publicação em: agosto de 2016

No final da primeira década do século XX, uma série de inventos dentre os quais destacavam-se o telégrafo, o rádio, o telefone, o gravador, o automóvel, o avião e o cinema empolgavam o mundo principalmente, os Americanos e Europeus. A partir de uma apropriação da teoria positivista, estes povos pregavam que a tecnologia seria capazes de resolver os problemas da humanidade de forma mais eficiente que as demais concepções científicas, assegurando aos que desenvolvessem estas formas de ciência aplicada, um futuro próspero e pacífico. Em 1906, Lee Forest desenvolveu o audion, um tipo de válvula que permitia que os sinais fracos do radio fossem não apenas ampliados, mas também capazes de transmitir, além do Código Morse, palavras e músicas a longa distância (BURKE, BRIGGS, 2006). A partir desta evolução tecnológica que possibilitou irradiações cada vez mais claras, militares, cientistas, educadores e intelectuais intensificaram os estudos sobre as possibilidades de apropriação da radiofonia em seus ramos de atuação. No final dos anos de 1910, surgiram redes amadoras, organizadas pelos chamados radioamadores, que estabeleceram conexões nacionais e internacionais.

A Primeira Guerra Mundial trouxe mudanças na radiotelegrafia. Utilizada, no armistício, para permitir a comunicação entre tropas, tal tecnologia passou a ser tratada como uma questão de segurança nacional. A velocidade e o alcance das transmissões de informações que encantaram cientistas passaram a ser vistos com desconfiança por agentes do Estado, que não tardaram a perceber a possibilidade de emprego desse aparato tecnológico para fins bélicos, assim como para a divulgação de informações confidenciais, e para a propagação da xenofobia, de infâmias e calúnias. (KONDER, 2000). Os Governos, em geral, adotaram uma postura favorável ao rígido controle da emissão e da recepção de mensagens radiofônicas. A partir de 1919, as atividades dos radioamadores chegaram a ser proibidas em países como a Grã Bretanha e os Estados Unidos.

Contudo, os radioamadores reagiram à imposição de tais restrições, pois, contrariamente aos chefes de Estado, estes entusiastas enxergavam o rádio como um instrumento de integração dos povos e de culto ao pacifismo. De fato, sustentavam que a divulgação das diversas culturas permitiria aos povos a compreensão das suas diferenças, afastando, assim impulsos xenófobos. Em 1922, o início das transmissões de musicais, como por exemplo, aquelas divulgadas pela Estação Writtle da Companhia Marconi, gerou grande empolgação entre os intelectuais, que perceberam a possibilidade de irradiação de outras atrações, como notícias, palestras e comentários. A disseminação da cultura por meio da radiofonia passou a ser concebida a partir de uma imagem ligada à agricultura, com alusão à metáfora da difusão de sementes, que poderiam ser lançadas livremente em terrenos férteis, e atingiriam muitas pessoas. Para tanto, foram organizados programas de músicas, cursos de línguas e palestras culturais.

No período entre guerras, o uso da radiofonia para transmissão de cultura gerou grande polêmica. O número de proprietários de aparelhos cresceu de forma fantástica. No ano da Quebra da Bolsa, mais de 10 milhões de americanos possuíam receptores. A capacidade de irradiar simultaneamente a milhões de pessoas, mas construindo a sensação no ouvinte, de uma abordagem individual, empolgou principalmente as mulheres pobres, que tinham poucas oportunidades de conhecer outros locais, que não fossem os próprios lares. (HOBBSAWM, 1995). O Estado, no entanto, ainda não reconhecia o potencial educacional do broadcasting.

Os investimentos estatais se concentraram na reconstrução dos sistemas de educação formal, que haviam sido prejudicados pelo conflito mundial. As irradiações de concertos, por exemplo, eram vistas como prejudiciais às nações pelos chefes militares, sob o argumento que a técnica destinada a preservação da segurança da humanidade era usada como um brinquedo para divertir crianças. (BURKE, BRIGGS, p.159, 2006). Os Governos ainda estabeleceram regras para a aquisição de aparelhos receptores, precipuamente confeccionados pelos próprios amadores. Na maioria dos países, a aparelhagem deveria ser licenciada por um órgão oficial, sob pena de apreensão desta pela polícia. As Sociedades Civis de Radiotelegrafia compostas por intelectuais, protestavam, contra a norma, alegando a livre disponibilidade do ar para todos, donde o descabimento de tamanhas restrições às irradiações.

No Brasil, o desenvolvimento da radiofonia gerou grande empolgação entre os estudiosos, mas também enfrentou muitos desafios, dentre os quais cumpre mencionar o custo da aparelhagem e o controle desta atividade por parte do Estado. Segundo os estudos de Vera Roquette- Pinto (2003), as primeiras experiências com a transmissão de ondas, por meio de um transmissor de centelha, ocorreram em 1912, quando Edgar Roquette-Pinto a bordo de um navio que o levava a Mato Grosso, identificou sinais de transmissão. Em 1923, um grupo de cientistas da Academia Brasileira de Ciências (ABC), fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (PRA2). No mesmo ano foi autorizado o início das atividades de outras emissoras como Rádio Club do Brasil (PRA 3), a Rádio Sociedade da Bahia (PRA4), a Rádio Educadora Paulista (PRA6) e a Rádio Club de Pernambuco (PRA8).

A concepção de radiofonia, da forma como idealizada pelos intelectuais organizadores destas sociedades de rádio, envolvia os campos da cultura, da educação e da instrução, embora a principal meta destas associações residisse na transmissão da cultura. Contudo, o acesso aos aparelhos receptores era limitado tanto por questões financeiras quanto pelo controle do Departamento de Correios e Telégrafos, órgão diretamente vinculado ao Ministério da Viação, e que promulgava normas atinentes à atuação dos meios de radiodifusão. Ainda vivendo na era do rádio quase como se tratasse de um advento científico, a maior oposição à liberdade de recepção, neste período, foi manifestada pelo próprio governo, que não abria mão deste tipo de controle. Como já havia afirmado, vivia-se sob o impacto da Primeira Guerra Mundial, e se enxergava no rádio a possibilidade de utilização do veículo como instrumento de espionagem, transmitindo informações aos países inimigos. Esse era um receio compartilhado por outras nações. Outro fator destacado por Gilioli (2008), foram os movimentos da década de 1920 no Brasil, como a Revolução de 1924 e a Coluna Prestes, que despertaram nas autoridades o medo de que a radiofonia servisse à propaganda revolucionária. A posse de aparelhos receptores era uma questão de polícia. A teor da legislação então vigente, o aparelho não-registrado deveria ser apreendido, e o dono conduzido ao posto policial para prestar esclarecimentos. Esse dispositivo legal era considerado insustentável pelos pioneiros do rádio, pois inviabilizava o desenvolvimento desse tipo de comunicação entre nós. Neste sentido, os defensores da radioeducação organizaram campanhas, e publicaram artigos em periódicos, com vistas a promoção da liberdade de recepção dos sinais.

Em 1929, foi fundada em Genebra, a União Internacional de Cultores da Radiodifusão, com o propósito de estimular o desenvolvimento da radiofonia em âmbito mundial, a serviço da humanidade. Esta associação, que reunia organizações de radiodifusão

de todos os países europeus, e cuja atividade foi oficialmente reconhecida pelas administrações telegráficas europeias, visava:

- 1) estabelecer uma ligação entre as diversas organizações europeias e extra-européias;
- 2) defender os interesses próprios de tais organizações;
- 3) centralizar o estudo de todas as questões de interesse geral, que o emprego da radiofonia faça surgir.

Para alcançar estas metas, a União dispunha de três comissões: uma técnica, uma jurídica e uma de aproximação intelectual. A Comissão de Aproximação Intelectual, Artística e Social era responsável pelos estudos das permutas internacionais, dos artistas, da radiodifusão educativa, da organização de transmissões internacionais, e dos intercâmbios dos programas musicais. Por meio de questionários enviados a todas as estações associadas, esta seção promovia enquetes para a obtenção de informações sobre práticas radioeducativas. As respostas aos inquéritos eram divulgadas às estações associadas por meio de relatórios. Além de respostas objetivas, estes documentos apresentavam relatos sobre as principais experiências realizadas.

Nos anos de 1929 e 1930, a Comissão de Aproximação Intelectual se ocupou da temática da disseminação do pacifismo. Para a elaboração das diretrizes para estas programações, foi organizado um número de cinco enquetes. Os questionários foram distribuídos a emissoras de vários países, entre os quais estavam: Alemanha, Austrália, Brasil, Dinamarca, Espanha, França, Inglaterra, Itália, México, Noruega, Países Baixos, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia, Turquia, U.R.S.S. e Uruguai. Dentre as principais questões formuladas aos diretores de emissoras é possível citar: *o que tem sido feito até o presente para ensinar a política estrangeira, a literatura e a música dos diferentes países, a obra das grandes organizações que trabalham contra a guerra e para a propagação de um espírito de concórdia entre os povos?*

Em nosso país, estas informações eram recebidas e disseminadas inicialmente pelas sociedades de rádio, e a partir de 1933, pela Confederação Brasileira de Radiodifusão. Em 1934, Ariosto Espinheira publicou parte das respostas e das orientações no livro *Rádio e educação*. Ainda na introdução desta obra, o autor anuncia aos seus leitores: *O estudo que se segue representa de algum modo a somma a respostas enviadas ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual pelos educadores competentes bem como pelas associações de radiodifusão* (p.12). Ao longo da obra, evidencia-se a relevância deste inquérito para o autor, pois além de ser referência constante em suas citações, o quarto capítulo é composto basicamente pelos resultados da pesquisa². Tal aspecto também foi observado por Dângelo (1994) em seus estudos.

² Um dado importante para a compreensão da obra de Espinheira (1934) é que ele opera com a tradução desse inquérito. Ao analisar tal dimensão da literatura, Lefêvere (1992) a considera uma *re-escritura* de um trabalho original. Se, por um lado, a tradução realiza a projeção de um texto em outras culturas, vencendo a barreira da língua, o que muitas vezes acentua a influência de uma obra em uma dada sociedade, por outro esta operação re-contextualiza a obra, transformando-a, *re-escrevendo-a* em outra realidade na qual é percebida. Dessa forma, frases são reformuladas de forma a criar uma aproximação maior com seu leitor, o que muitas vezes distancia o texto do original.

O objetivo deste texto consiste no estudo das estratégias desenvolvidas pela União Internacional de Cultores da Radiodifusão com vistas à educação para a paz entre as nações, em uma tentativa de evitar um novo conflito armado. Em especial, será analisada a circulação dessas ações no Brasil: a forma como os educadores e diretores de emissoras responderam ao apelo internacional, os programas educacionais elaborados em prol do pacifismo, e as orientações disseminadas aos professores e diretores de broadcasting. Para a realização desta análise, utilizaremos como fonte as respostas ao questionário aplicado às estações associadas ao longo do primeiro semestre de 1929, textos publicados em impressos, e as atas de reuniões da Confederação Brasileira de Radiodifusão.

O artigo se acha estruturado em três partes. A primeira seção terá como objeto o estudo das iniciativas adotadas pela União Internacional de Radiodifusão para a organização de ações que divulgassem a importância da paz entre as nações. Em seguida, serão analisadas as estratégias empreendidas pelos homens do rádio no Brasil para a disseminação do pacifismo por meio de programas educacionais radiofônicos. Na última parte, será estudado *O Tapete Mágico da Tia Lúcia*. Este programa de rádio, elaborado por Ilka Labarthe, a partir das diretrizes internacionais sobre o culto ao pacifismo, foi irradiado a partir de 1934, pela Rádio Escola Municipal, e permaneceu no ar até o final dos anos 1940 em diferentes emissoras.

Radioeducação para a paz

O papel desempenhado pela União Internacional de Radiodifusão foi fundamental na realização da campanha radiofônica pelo pacifismo. Os textos introdutórios dos inquiridos revelam que em termos gerais, os radioeducadores nutriam uma grande preocupação em relação aos sentimentos negativos que reinavam entre os povos, após o término do primeiro grande conflito mundial, a saber: o rancor, o individualismo e o revanchismo. Os efeitos da modernidade já não eram vistos de forma tão otimista. No mundo do éter, surgiam críticas ao ritmo acelerado de vida e à especialização das formações profissionais que davam ensejo a uma sensação de isolamento e incentivavam o individualismo. Sob o prisma destes homens, a paz estava ameaçada e o broadcasting poderia estimular o seu crescimento, já que suas programações poderiam promover a integração entre os povos, e que os programas radiofônicos possuiriam o condão de familiarizar os ouvintes com a cultura de diferentes nações, por meio da vulgarização das diversas línguas, das músicas regionais, das tradições como festas e crenças.

As primeiras orientações divulgadas pela União Internacional visavam à elaboração de programas musicais, conferências e aulas de línguas estrangeiras. A iniciativa pioneira da União consistiu na organização do programa intitulado *Noites Nacionais* com a participação de emissoras associadas de várias nacionalidades. A programação era iniciada sob a forma de uma palestra descritiva no vernáculo, e prosseguia com a irradiação de uma seleção de músicas em diferentes línguas, recomendadas por representantes das estações associadas.

O relatório de 1929 foi respondido por 38 emissoras de diferentes países, demonstrando a abrangência do movimento. Dentre as respostas, 36 mostravam-se favoráveis a promoção de atividades de divulgação das atividades da Sociedade das Nações, enquanto que apenas duas rejeitavam a iniciativa. As emissoras favoráveis relataram que aproveitando a passagem por seus países de estrangeiros eminentes, convidaram tais figuras ilustres

irradiarem palestras sobre a cultura de seus países. As que manifestaram respostas desfavoráveis alegaram dificuldades com línguas estrangeiras, assim como a incapacidade desse tipo de programação de despertar o interesse dos ouvintes.

Os responsáveis pela radiofonia nos países destacaram a adoção de duas iniciativas: a elaboração de cursos de línguas e de programas musicais. Os relatórios da União Internacional recomendavam que as programações internacionais fossem ouvidas preferencialmente por adultos, reunidos em grupos de estudo, sob a coordenação de professores. O ouvinte deveria ser preparado com leituras apropriadas e discussões anteriores a irradiação. Nas escolas, os programas poderiam complementar o ensino ministrado pelos mestres. A simples audição dificilmente levaria à assimilação adequada das noções irradiadas ao microfone. Qualquer falha na orientação da oitiva acarretaria o risco de banalização dos programas, tornando-os desprovidos de significado ou interesse real para quem quer que fosse.

A União elegeu as experiências da Inglaterra e da Alemanha na organização de programas e de grupo de estudos como bem sucedidas e adequadas a divulgação. A iniciativa da British Broadcasting Corporation (BBC) em exhibir diante do seu estúdio a seguinte frase : *Nation shall speak peace unto Nation* foi exaltada no relatório. A emissora organizou cursos de línguas, conferências sobre as relações entre os povos e cursos de História Geral Contemporânea. Nas escolas foram organizados grupos de ouvintes com adultos (study groups) que mesmo já tendo concluído seus estudos eram estimulados a acompanharem estes cursos sob a orientação de professores.

Na Alemanha, os grupos de estudos foram organizados, despeito da dificuldade no recrutamento de pessoas capazes de dirigirem as discussões. Para a formação destes líderes de grupos, um funcionário da Sociedade de Radiodifusão Alemã se dirigia às pequenas cidades rurais, e escolhia pessoas aptas a orientarem as discussões, em meio às seguintes categorias profissionais: professores, pastores ou bibliotecários. Foram organizadas duas grandes séries de conferências, intituladas: *A concepção do mundo e a época atual* e *A concepção do mundo e a ideia de propriedade*.

Porém, nem sempre os esforços envidados na organização dos programas educacionais de rádio voltados ao pacifismo, alcançaram resultados positivos. A simples irradiação não assegurava a compreensão da mensagem pelos ouvintes de forma desejada pelos educadores. Alguns problemas dificultavam o processo de educação por meio do rádio dentre as quais destacavam-se: a falta de acompanhamento de professores e a presença de ruídos nas transmissões.

A radioeducação brasileira e o pacifismo

O rádio como instrumento de transmissão de cultura gerou grande empolgação entre os intelectuais brasileiros. Dentre os primeiros sócios da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro figuravam Monteiro Lobato, Carlos Sussekind de Mendonça, Edgard Sussekind de Mendonça, Carlos Delgado de Carvalho, Francisco Venâncio Filho e Álvaro Ozório de Almeida. Homens que se encantaram com a possibilidade de ter acesso às informações antes obtidas por meio da importação de livros ou de viagens. Moreira; Massarani; Aranha (2008)

apontam que entre os anos de 1928 e 1929 foram irradiadas 63 palestras, proferidas por intelectuais brasileiros e estrangeiros como a Madame Curie em sua estada pelo país. A circulação de ideias pelo éter foi enaltecida por Monteiro Lobato na História das invenções:

As invenções vão mudando de tal forma a vida do homem na Terra, que o cérebro mal tem tempo para adaptar-se. Essa grande coisa que era viajar, cada dia perde um bocado da sua importância. Viajávamos para ver e ouvir. Era o único meio. Hoje vemos e ouvimos tudo sem sair de casa. Antigamente quem queria boa música tinha de ir à cidade em dia de concerto de graça a toda hora. E escolhemos. Pulamos da música argentina para a alemã. E com uma torcidinha da chave do rádio pulamos para o samba do Brasil. (LOBATO, 1935, p.32)

A Confederação Brasileira de Radiodifusão (CBR) foi fundada em 1933, nos padrões da União Internacional de Radiodifusão. Sob a direção de Elba Dias e Roquette-Pinto, se propunha dentre outros objetivos, estabelecer e estreitar relações entre entidades de radiodifusão e, ainda, a defender interesses morais e materiais de seus associados perante o Governo. O rol de suas filiadas compreendia, além da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a Rádio Educadora, a Rádio Club do Brasil, a Rádio Philips, a Rádio Mayrink Veiga, a Rádio Sociedade Mineira, a Rádio Record, a Rádio Sociedade da Bahia e a Rádio Club do Pará. As rádios, ao se associarem, desfrutavam de vantagens, tais como o acesso aos programas educacionais e culturais de padrão reconhecido, vez que estes eram elaborados pela comissão e transmitidos em rede, a um custo mais baixo. A CBR também era filiada a União Sul Americana de Radio Difusão (U.S.A.R.D). Em 1935, este convênio promoveu o I Congresso de Radio Comunicações.

Em seu primeiro ano, a CBR constituiu uma comissão radio educativa composta pelos professores: Dulcídio Pereira, Lourenço Filho, Edgard Ribas Carneiro, Frota Pessoa, Teixeira de Freitas, Francisco Venâncio Filho, Armando Campos e Ariosto Espinheira com os seguintes propósitos:

Promover o emprego da Radiodifusão como meio de educação direta, pela divulgação de informações técnicas e profissionais, pelo auxílio ao ensino público, pela melhoria da saúde e hygiene, pelo apuro do gosto artístico, pelo desenvolvimento do espírito de paz e concórdia entre os povos, pela propagação de notícias de interesse em geral. (ESPINHEIRA, 1934, p. 104).

Entre as atividades realizadas por esta comissão estavam a elaboração de programas, a organização da censura radiofônica e o estabelecimento de correspondência com as sociedades confederadas para a promoção da troca dos resultados obtidos em experiências no domínio da educação, da técnica da radiodifusão e a permuta dos programas. Os radioeducadores da CBR recomendavam que o conteúdo das programações deveria ser de inspirado na cultura dos diferentes povos, contendo cânticos, música, cantos populares, trechos de obras literárias (ESPINHEIRA, 1934, p.106). Ao longo das irradiações deveriam

ser informados o nome dos autores e a influência que exerceram em seus países. Neste sentido, a primeira realização foi o Programa Nacional, cuja primeira transmissão ocorrida às 21 horas do dia 7 de setembro de 1933, tinha na programação as composições de Heitor Villa-Lobos, Carlos Gomes, Francisco Braga e Lucília Guimarães. Ainda foram irradiados dois espetáculos de rádio-teatro e a palestra do Dr. Celso Vieira, da Academia Brasileira de Letras. Esta irradiação foi ouvida em diferentes países como Argentina, Uruguai e Estados Unidos.

Em 1935, o *Jornal do Brasil* também destacou a participação de estudantes brasileiros como ouvintes do evento radiofônico promovido pela União Internacional de Genebra:

No intuito de suscitar na juventude o sentimento de União e de Fraternidade, a União Internacional de Radiodifusão em Genebra, promoveu a realização de uma irradiação mundial em cadeia intitulada “La Jeunesse au chant de la des frontières” de canções populares e típicas de cada país, em que tomarão parte 52 países.

O Brasil através do Departamento de Propaganda foi convidado a participar dessa manifestação de arte e de cultura.

Nesse sentido solicitou a Secretaria Geral de Educação e Cultura para que a juventude brasileira representada pelos alunos das escolas do Distrito Federal, compareça no dia 7 próximo, quinta-feira às 18 horas, no recinto da Feira de Amostras para assistir diretamente e reunida a um espetáculo em que serão ouvidas as vozes de suas irmãs de todo o mundo (*Jornal do Brasil*, 7/11/1935, p.18).

A atividade da comissão é marcada pela ampliação dos laços de sociabilidade em torno da radiofonia educacional, que poderia ser associada ao campo magnético citado por Sirinelli (1996) como sendo o fator capaz de reunir complexas trajetórias intelectuais. A variedade da programação só foi possível graças a colaboração de professores que partilhavam os ideais da radioeducação e da CBR. Os *Quartos de Hora da Comissão Rádio Educativa da C.B.R.* contou com a participação de professores das escolas do Distrito Federal como Jonhatas Serrano, Maria Junqueira Smith, Maria Veloso, Ariosto Espinheira, Gustavo Lessa, Carlos Ramos, entre outros.

A função de censura exercida pela CBR é concebida pelos integrantes da Comissão radioeducativa como fundamental ao desenvolvimento adequado desta atividade em nosso país. O documento contendo os critérios de classificação dos programas como educacionais estipulados pela Comissão possibilita a compreensão de algumas perspectivas que norteavam estes intelectuais. Assim, seriam considerados inadequados os programas que:

Sejam redigidos em linguagem imprópria;

Offendam a moral e os bons costumes;

Possam de qualquer modo, concorrer para o desenvolvimento do crime; da vingança, do ódio, da vadiagem, do alcoolismo, e dos maus costumes;

Possam crear antagonismos entre raças ou classes sociais;

Encerrem ultraje, vilipêndio ou desacato a qualquer credo religioso;

Propaguem idéas subversivas da ordem social e política;
Deprimam as autoridades constituídas;
Suscitem desconfiças e inquietações nas relações internacionaes;
Divulguem noticias falsas ou tendenciosas.
Pelo regulamento de censura, as sociedades filiadas à C.B.R. devem banir de suas transmissões, de qualquer natureza, as produções que possam prejudicar os propósitos educativos da Radiodifusão, bem como dar preferência ás produções aconselhadas pela comissão pelo seu valor artistico e educacional. (ESPINHEIRA, 1934, p.106).

O papel de censor atribuído aos integrantes da seção radioeducativa atuando sobre os programas irradiados, é visto de forma positiva, pois se encontra a serviço de ideais mais sublimes da educação por meio do rádio. É claro o diálogo com a União Internacional de Radiodifusão ao desaconselhar programas que tivessem conteúdos que pudessem estimular sentimentos xenófobos, o ódio e a vingança.

A CBR mantinha correspondência regular com outras sociedades de rádio e com representações diplomáticas de outras nações por via postal. As missivas possibilitavam o estabelecimento de um canal para a realização do intercâmbio, fundamental a organização dos programas recomendados pela União Internacional da Radiodifusão. As informações recebidas sobre cantos populares, trechos de obras literárias e indicação de discos serviam não só para a seleção da programação que seria das irradiada, mas também para elaboração do material de apoio distribuído aos ouvintes: os blocos de informações. No conteúdo impresso era possível saber sobre o papel e a personalidade dos autores das músicas e peças teatrais, e a influência que exerceram em seus países.

O Tapete Mágico da Tia Lúcia

O *Tapete mágico da Tia Lúcia* foi ao ar pela primeira vez na Rádio Escola Municipal (PRD5), em 1934. A atração, dirigida ao público infantil, foi elaborada por Ilka Labarthe, que como nos lembra Moreira compunha o quadro de professoras da estação idealizada por Edgar Roquette-Pinto, interpretava a Tia Lúcia. Ao microfone, ela comandava um tapete, meio de transporte que conduzia seus ouvintes visitassem qualquer lugar do mundo. Cada programa abordava um país diferente, com lições sobre sua História e sua Geografia. A atração contava com a participação de crianças que faziam perguntas a todo o momento. A partir das respostas, eram desenvolvidos os vários temas.

Ilka Labarthe iniciou sua carreira como radioeducadora na equipe da Rádio Escola Municipal (PRD5) onde comandou várias atrações infantis. *O Tapete mágico* foi seu programa de maior sucesso: que permaneceu no ar durante, pelo menos, quinze anos. A partir de 1935 esta produção passou a ser irradiada pela Rádio Mayrinck Veiga (PRA9) e, nos anos 1940, veio a ser transmitida pela Rádio Nacional até a década seguinte. A partir de 1937, o conteúdo do programa foi publicado em *O tapete mágico da Tia Lúcia* em dois volumes, pela Companhia Editora Nacional.

A programação foi concebida a partir dos pressupostos idealizados pela União Internacional da Radiodifusão e pela Confederação Brasileira de Radiodifusão, que poderiam ser sintetizados em uma única expressão: o culto ao pacifismo. O saber não deveria ser restrito à nação, mas à civilização como um todo, como meio para atingir a maior compreensão entre os povos. A todo o momento enfatizava-se a importância da continuidade do estudo sobre a cultura de outros países:

Quem fecha um livro pensando que chegou ao fim da viagem, que sabe tudo, desgosta Tia Lúcia e o Tapete Mágico se encolhe recusando o passageiro. Estudem sempre; o mundo é grande e nele pode-se viajar a vida inteira sem passar pelos mesmos lugares, vendo a cada dia uma coisa nova e bonita. (LABARTHE, 1937, p.15).

Apesar de ter permanecido um longo tempo no ar, *O Tapete mágico da Tia Lúcia* apresentou sempre o mesmo formato. A crítica publicada no *Diário de notícias* nos fornece alguns indícios sobre as versões do *Tapete mágico* exibidas na PRD5, na Rádio Mayrinck Veiga e na Rádio Nacional:

A Mayrinck Veiga, compreendendo a sinceridade e o afan que a professora Ilka Labarthe pôs na obra educativa que vem realizando na PRD5, convidou-a em boa hora para dirigir em seus studios a secção da petizada. E as palestras da Tia Lucia da Mayrinck com o serem menos didacticas que as da Tia Lúcia das escolas não são menos instructivas. Ainda hontem assistimol-a a contar uma historia por ella imaginada a qual não era senão uma boa aula sobre a pesca do pirarucu. Achamos tão interessante esta sua meia hora das quintas-feiras na PRA9 que vamos tomar a liberdade de lhe suggerir que dicte uma três perguntas sobre a lição no fim de cada palestra para que alumno responda escripto e lhe envie para a estação a fim de aproveitar mais a lição dada com tanta ternura (Diário de notícias, 12/05/1935, p.12).

A cada programa um país era escolhido como tema: México, Uruguai, Japão, dentre outros. Inicialmente, eram transmitidas informações sobre a Geografia do país, abordando aspectos ligados, por exemplo, à localização, à extensão e à população. Em um segundo momento, procedia-se à descrição das principais cidades do país estudado, a partir da qual eram tecidos comentários aspectos históricos e os hábitos culturais daquele povo. Ao estudar a China, o programa anunciava:

Atenção! Um, dois e ... três! – Já estamos em Pequim. Esta cidade está situada perto do rio Pei-ho, em cujas margens fica o porto de Tientsin. Possui mais de um milhão de habitantes e se compõe de duas cidades bem distintas: a exterior, onde se efetuam as transações, e a interior ou cidades Mandchui-tártara, onde se encontram as embaixadas estrangeiras. Vamos desembarcar. É esta uma cidade da China. Que é que você está dizendo, Dulce? Que as ruas se assemelham a túneis, que são muito escuras? (LABARTHE, 1937, p.20).

A partir da comparação com a nossa realidade, a speaker tentava demonstrar a diversidade cultural. Para que seus pequenos ouvintes compreendessem de forma positiva a diferença entre os povos, utilizava como exemplo, o cotidiano de crianças de outros países. No programa sobre a África, irradiou:

Desçam cuidadosamente. Vamos em primeiro lugar a escola 1º. de Janeiro. Observem como é clara, como tem janelas. As salas estão repletas de carteiras com os pretinhos de Moçambique sentados com uma seriedade quase cômica: tem na cabeça lenços de diferentes cores com usam no Brasil as mães pretas (LABARTHE, 1937, p.36).

Por ser o *Tapete mágico da Tia Lúcia* uma atração dirigida ao público infantil, o texto de Labarthe também revela uma grande preocupação com o vocabulário. As palavras novas são apresentadas a partir de explicações detalhadas. Esta prática indica o objetivo não apenas de facilitar a interpretação do texto, como também de ampliar o conhecimento de vocábulos. A dissonância entre o conteúdo e o programa do ensino primário do país nas décadas de 1930 e 1940, surge como um indício de que a atração não se destinava a complementar à educação formal.

O programa não abordava questões relativas às guerras ou a qualquer tipo de conflito, em qualquer período da História. O conteúdo era estruturado com informações sobre vestuário, religião, festas e arquitetura, sem qualquer alusão a invasões, dominações ou diáspora dos povos.

O *Tapete mágico da Tia Lúcia* utilizava como argumento a narrativa de viagem. O ouvinte era convidado a visitar locais desconhecidos. As gravações revelam a atuação das crianças, da narração da autora e de outros radioatores que desempenhavam os papéis de figuras históricas. Neste aspecto, nota-se a clara intenção de Labarthe de evitar a monotonia. Ainda que sua narração ocupasse a maior parte do tempo da atração, era sempre interrompida pelas questões das crianças ou pelas vozes do diálogo, que simulavam um acontecimento histórico.

Ao elaborar o *Tapete mágico*, Ilka Labarthe tentou adaptar noções mais abstratas. Este exercício é necessário a todos os autores dedicados ao rádio. A ausência de imagens exige o recurso à descrição ou à comparação com aspectos do cotidiano, de forma a possibilitar a compreensão por parte do ouvinte. Uma destas ações se traduz no esforço em diminuir o caráter abstrato de algumas noções, tais como, a distância, que a autora tenta tornar mais concretas por meio da comparação com os dias de viagem necessários à chegada ao destino desejado, no caso o Egito:

Se em vez de viajarmos no nosso Tapête Mágico, tivéssemos tomado um grande transatlântico, daqui do Rio de Janeiro iríamos ter a Recife, em Pernambuco; e ao fim de dez dias de viagem estaríamos em Vigo, na Espanha; depois de atravessar o estreito de Gibraltar e navegarmos pelo Mediterrâneo, parariamos no porto de Marselha, no sul da França, onde tomaríamos um dos navios que fazem a linha de carreira para a Síria, chegando a Alexandria na manhã do 16º. Dia. Nós, porém, vamos no nosso Tapête, que é mágico e como tal fará esta mesma viagem em minutos. Segurem-se bem! Atenção! Um, dois e três! (LABARTHE, 1937,p.45).

Tanto na PRD5, na Mayrinck Veiga quanto na Rádio Nacional, há referências ao estímulo à imaginação do ouvinte, o que caracteriza a concepção de programação educacional de Labarthe. O próprio título do programa alude ao imaginário: um tapete mágico. *Estamos já voando por sobre o Nilo, o grande rio que fertiliza toda região nordeste da África ou agora vocês já podem respirar: aqui há luz do sol. Observaram como foi rápida a mudança? A gravação do programa revela que, naquele momento, simulava-se o barulho de um vento forte. Tia Lúcia recomendava que todos segurassem firme em uma alusão à velocidade. Desta forma, os ouvintes eram estimulados o tempo todo transportarem-se a uma terra desconhecida, sendo-lhe sugeridas diferentes sensações: alegrias, tristezas, admiração.*

Ao microfone, as meninas e os meninos desempenharam o papel de formuladores de perguntas, dúvidas, capazes de incitar a curiosidade. *Que perguntou você, Mary? Eles construíram esses túmulos altos? Para guardarem neles, quando morressem, os seus corpos* (LABARTHE, 1937, p.77). As gravações demonstram que as interlocuções infantis ditavam o ritmo do programa. As questões evocadas por estes personagens envolviam os vocábulos e noções dotados de um maior grau de complexidade, que eram lidos com vagar, e repetidos pela Tia Lúcia, encarregada dos esclarecimentos sobre o assunto.

Outra característica que marcou o *Tapete mágico da Tia Lúcia*, em todas as suas versões, foram os concursos. Os ouvintes eram convocados a enviar desenhos, redações e a responder questionários. Os melhores trabalhos eram comentados ao microfone, recebiam prêmios, que eram distribuídos em uma solenidade. Havia uma cobrança na carta, para que fossem elaboradas perguntas ao final do programa. A gravação do programa quando irradiado pela Rádio Nacional atesta que as perguntas continuavam sendo formuladas. As questões, propostas sempre ao final do programa, eram tidas como um recurso para que os ouvintes prestassem mais atenção no conteúdo transmitido, em uma tentativa de assegurar uma boa audiência.

O rádio, a educação e o pacifismo

A Primeira Guerra Mundial gerou um clima de temor junto aos intelectuais de diferentes nacionalidades. Muitos homens de ciência se sentiam incumbidos da missão de divulgar o pacifismo, com o intuito de reverter os males que causados pela tecnologia, quando usada para fins bélicos. Para estes estudiosos, a divulgação da cultura de diversos países traria o respeito às diferenças entre os povos. O conhecimento dos aspectos culturais do outro, possibilitaria, dialogar e realizar intercâmbios, afastando o risco de interpretações equivocadas de atitudes e, conseqüentemente, mitigando impulsos xenófobos.

A adesão ao movimento radioeducacional em prol do pacifismo, nos anos 1920 e 1930, demonstra a capacidade deste meio de comunicação já em seus primórdios, de construir redes de sociabilidade, a despeito das limitações ainda apresentadas por esta tecnologia. Nem mesmo os ruídos, as interferências, ou a fraca potência das antenas de algumas emisoras não conseguiram impedir a organização de programas internacionais, a troca de experiências por meio de inquéritos, a realização de programações educativas sobre a cultura de diversos países e a criação de grupos de estudos.

Com o objetivo de estimular o clima de paz entre as nações no período entre guerras, os autores de programas radioeducacionais empreenderam seus esforços na construção de uma linguagem capaz de transmitir da forma mais eficiente possível os aspectos culturais aos

diversos povos. Neste aspecto, um dos desafios consistiu em adaptar diferentes conteúdos à linguagem oral do rádio. Era necessário vencer a barreira de fazer-se compreender a partir de uma língua, que muitas vezes, o ouvinte não dominava, e de descrever paisagens e festas que integravam tradições de sociedades estrangeiras. Para tanto, contou-se com os recursos da música, da simulação de viagens, que estimulavam a imaginação do público e com o apoio de professores que acompanhavam grupos de estudos organizados, com vistas à simplificação do teor das mensagens.

No Brasil, o diálogo com a União Internacional de Radiodifusão por meio das sociedades de rádio e da Confederação Brasileira de Radiodifusão foi importante não só para a para a inserção do país no movimento radiofônico pela paz mundial, como também para o desenvolvimento da radioeducação como uma modalidade de ensino. O relato de experiências educacionais em emissoras de outros países, impulsionou o trabalho que nossos educadores já realizavam desde os anos 1920. A publicação de *Radio e educação* (1934) constituiu-se em um estímulo para que os professores utilizassem a radiofonia em sala de aula ou para que incentivassem seus alunos, a ouvirem o rádio em suas casas. *O tapete mágico da Tia Lúcia* escrito e irradiado por Ilka Labarthe permaneceu por mais de dez anos no ar, em emissoras de grande audiência, o que comprovou a absorção do conteúdo educacional pelo rádio ao longo de toda sua trajetória. Embora os programas pudessem apresentar diferenças em seus formatos, sempre eram pautados pelo objetivo comum de transmitir aos seus ouvintes aspectos culturais ainda desconhecidos dos países estrangeiros.

Referências

BURKE, Peter, BRIGGS, Asa. Uma história da mídia: de Gutenberg à internet. 2 ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar,2006.

DÂNGELO, Newton. *Escola sem professores: o rádio educativo nas décadas de 1920/1940*. 1994. 225p. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

ESPINHEIRA, Ariosto. *Radio e educação*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1934.

GILIOLI, Renato de Sousa Porto. *Educação e cultura no rádio brasileiro: concepções de radioescola em Roquette-Pinto*: Faculdade de educação da Universidade de São Paulo (USP), 2008. Tese de doutorado.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos 50. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva* (org) 5ª. Ed. São Paulo: Cortez.2003.

LABARTHE, Ilka. *O tapete mágico da Tia Lúcia*. 3ª.edição. Rio de Janeiro, Cia Editora Nacional, 1937.

LEFEVERE, Andre. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. São Paulo, EDUSC, 1992.

LOBATO, M.. História das Invenções São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980 [primeira edição em 1935]

MOREIRA, Ildeu; MASSARANI, Luísa; ARANHA, Jayme. Roquette-Pinto e a divulgação científica. In: LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominich Miranda de (org). Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2008.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Roquette-Pinto, empreendedor de mídia educativa. Intercom, 2002. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto, o radio e o cinema educativos. REVISTA USP, São Paulo, n.56, p. 10-15, dezembro/fevereiro 2002-2003

SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.